

## AS RELAÇÕES SOCIAIS EM EMMA, DE JANE AUSTEN

Fabiana Souza Valadão de Castro\*

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo principal de analisar a estrutura da narrativa em Emma, de Jane Austen, procurando explorar o tratamento dado às classes sociais, avaliando-as como influenciadoras e modificadoras das relações entre os personagens, além de necessárias para o desenvolvimento das ações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa. Relações sociais.

**ABSTRACT:** The current article has the main goal to analyze the narrative structure in Jane Austen's "Emma", trying to explore the treatment given to social classes, evaluating them as influencers and modifiers of the relations among the characters and necessary to the development of the actions.

**KEY WORDS:** Narrative. Social relations.

A sociedade inglesa do início do século XIX vivia um período de prosperidade da aristocracia e da burguesia e, por meio da riqueza, poderia ser “comprado” um lugar no restrito círculo social daqueles que tinham poder. Nesse mesmo período, os “bons costumes” e a “moral” eram determinantes para que se tivesse respeito social, principalmente entre as mulheres. Assim, as jovens eram preparadas desde muito meninas para se casarem e o casamento era uma preocupação, uma vez que, por meio dele, obtinha-se, mantinha-se ou garantia-se esse espaço social tão almejado. Essa forma de viver em sociedade pode ser vista e amplamente refletida no romance *Emma*, de Jane Austen.

Já nas primeiras linhas do romance, a autora traça o perfil de Emma, uma heroína cujo único empecilho para felicidade é ela mesma: “bela, inteligente e rica”. Conforme afirma Todorov (TODOROV, 2008b, p. 219), tudo em uma narrativa tem

---

\* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Arte, Educação e Tecnologia contemporâneas pela Universidade de Brasília. Atualmente é mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: fabianavaladao@gmail.com

uma função, um sentido. Logo, esses três adjetivos são muito relevantes para marcar a voz que a protagonista tem entre as pessoas com as quais se relaciona. O fato de ser rica e de ser nutrida de muito afeto e indulgência pelo pai justifica o comportamento de Emma ao longo da história e, desde o princípio, explica o que a leva a ser arrogante, manipuladora e precipitada em seus julgamentos. Assim, a autora prepara o leitor quanto ao que pode esperar da personagem. Booth (1980, p. 272) destaca o fato de que a narração começa com “a magnífica apresentação simultânea de Emma e dos valores em relação aos quais ela tem de ser julgada”. Confirma-se, portanto, que esse conjunto de valores permeia as relações sociais em que Emma se envolve ao longo do livro.

Segundo Booth (1980, pp. 260-261), o enredo, como foi escrito, criou dificuldades para si próprio, pois o caráter de Emma ameaça sua aceitação por parte do leitor. No entanto, se “alguns compassos da abertura resumem a ópera que ela introduz; do mesmo modo, a primeira página dá-nos o tom, o ritmo, por vezes o assunto de um romance” (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p.57), a autora mostra ao leitor, além das qualidades de Emma, também o que motiva suas falhas, porque é preciso que o leitor ria dos erros e defeitos da heroína para ansiar por sua mudança e comemorar sua felicidade. O leitor é assim apresentado a uma Emma que sente remorsos e tenta se retratar quando finalmente se arrepende do que faz.

No entanto, parafraseando Booth, bastaria nos colocarmos no lugar de Robert Martin, Jane Fairfax ou Mrs. Elton para que nossa opinião sobre Emma não fosse tão generosa como tende a ser, ou nossa condescendência tão natural. Afinal, ela quase destrói a felicidade das pessoas que a rodeiam. É interessante perceber que, mesmo diante disso tudo, consegue ser simpática, consegue ter vários vínculos sociais a sua volta. A reflexão sobre o contexto histórico em que a obra se dá revela que isso é sim possível. A protagonista se enquadra em uma elite econômica que detém muitos poderes em suas mãos e é claro que dentro do universo social existe a soberba, a arrogância, a indiferença, as vantagens, os acordos, mas também a simpatia, a elegância e até os “bons costumes” e a “moral”. Por conseguinte, é possível que existam várias pessoas como ela, o que é verossímil no contexto do livro.

Emma tem um alto conceito de si mesma. E essa visão que tem de si mesma é grandemente responsável pela forma como age nas relações interpessoais. Ela considera-se responsável pelo casamento de sua ex-governanta, Miss Taylor, portanto, sente-se capaz de propiciar outra união, agora entre o Sr. Elton e Miss Smith. Antes de conhecer Harriet, Emma julga não haver qualquer mulher digna do Sr. Elton, mas assume para si o desafio e a responsabilidade de arranjar para o jovem um casamento, e mais, acredita ser capaz de avaliar quem seria ou não merecedora de desposá-lo. Num comportamento soberbo, Emma pensa que ela é quem sabe o que é melhor para o rapaz e que escolher para ele uma noiva seria um “serviço” a ser prestado, ou seja, é como se ela, de fato, não acreditasse que ele pudesse, sozinho, fazer uma escolha sensata. Constata-se, assim, a importância do casamento como união de uma concepção não só de dignidade, mas de convenção social, adoção de valores instaurados pela burguesia a qual o considera moral. E a jovem “bela, inteligente e rica” tenta destacar-se nesse “grande” papel social.

É muito interessante o fato de moça alguma estar à altura de Sr. Elton até a aparição de Harriet, cuja paternidade é desconhecida e cuja condição social não é a mesma de Emma e de Sr. Elton. Ainda que não fosse “particularmente brilhante na conversação”, Harriet era recatada, sensível e respeitosa, tais características tornavam-na uma agradável companhia e uma possível esposa para Sr. Elton. A afirmação de Booth (1980, p. 262) faz entender bem por que é tão interessante esse fato: Emma “tenta manipular Harriet não por excesso de bondade, mas sim em resultado do desejo de poder e admiração”. Trata-se de uma teia complexa de relações por meio da qual a protagonista quer destacar-se, acreditando ser essencial para ascensão das pessoas. Tendo em vista a situação delicada em que Miss Smith se encontra, seria generoso que Emma desejasse-lhe um bom casamento, mas verdadeiramente o que intenciona é apenas ver concretizado o desejo de provar o poder de suas decisões. Afinal, não só o modo como foi criada, mas a própria personalidade e também seu lugar na sociedade colaboraram para que ela se tornasse tão naturalmente manipuladora e obstinada, tão desejosa de poder e admiração.

É também o temperamento de Emma que lhe molda o comportamento e as atitudes. Seu caráter não é nomeado, mas indexado ao longo da narrativa. A beleza de Emma, sua personalidade e sua fortuna são índices que fazem dela o que é e que permitem compreender suas ações nesse universo tão ligado ao poder. As funções estariam, pois, ligadas ao fazer, enquanto os índices estariam ligados ao ser.

No momento da narrativa em que Emma e Miss Smith se aproximam, parece ficar evidente o pensamento de Emma sobre a sociedade local e a prepotência com que determina quais seriam ou não boas companhias, pois ao decidir que Harriet fará parte do seu grupo, Emma determina que a nova amiga se afaste das antigas relações. Booth (1980 p. 273) remete a esse mesmo trecho para marcar como Emma expõe “sua própria beneficência e valor”. Ela mostra-se, por suas reflexões, preconceituosa e egocêntrica. Embora o passado familiar de Harriet seja obscuro, há uma série de atributos que a alçam à condição de uma mulher interessante e merecedora de um bom casamento. Entretanto, não boa o bastante, por isso a decisão de Emma em “aconselhá-la, aperfeiçoá-la e afastá-la” de todos os conhecidos que maculariam sua imagem. A heroína é, portanto, responsável pela inserção de Harriet, possibilitando *status* a esta e não permitindo que o seu seja manchado. Exatamente sobre essa passagem Booth (1980) afirma:

Até o leitor mais dotado talvez não conseguisse rumar um curso perfeito através destas ironias, sem a assistência directa que previamente lhe foi dada. As opiniões de Emma não são tão bizarras que não pudessem ter sido as duma romancista escrevendo nessa época. Não podem servir efectivamente como sinais do seu carácter, amenos que sejam claramente repudiadas como sinais das opiniões de Jane Austen. O catálogo que Emma inconscientemente faz dos usos egocêntricos a que Harriet pode ser posta, dado como se fosse uma lista dos serviços que ela prestará, ganha toda a força de que é capaz por ser explicitamente moldado num mundo de valores que a própria Emma não consegue descobrir senão na conclusão do livro. (BOOTH, 1980, p. 273)

Dessa forma, vê-se que não há anacronismo, a relação de Emma não só com Harriet, mas com os outros personagens, reflete um período histórico.

Os critérios que qualificam ou desqualificam alguém são revisitados ao longo da narrativa. No capítulo 4, por exemplo, durante uma conversa com Harriet, Emma questiona se o Sr. Martin - irmão das amigas que Miss Smith fizera na escola -

estaria à altura da jovem, uma vez que ele nada teria a ver com os livros, ou seja, não era um homem bem instruído, ao contrário, um trabalhador de origem simples e humilde cuja família não desfrutava de qualquer reputação que estivesse ao conhecimento de Emma. Embora Harriet tivesse sua origem ocultada, o que suficientemente deporia contra ela, Emma a considera superior ao Sr. Martin por ser uma jovem bela e inteligente. O questionamento feito pela protagonista apenas ressalta uma nova distinção entre os dois: o conhecimento, que também é uma forma de poder.

Quanto à fluidez da narrativa, nessa primeira parte do livro, o relacionamento de Emma com Sr. Knightley ainda não é o evento central, porém já se podem entrever algumas marcas do sentimento que um nutre pelo outro. Em outras palavras, surge um indício de que Knightley tem por Emma uma reconhecida admiração. Em uma conversa com a Sra. Weston, o Sr. Knightley confirma todas as atribuições positivas e negativas dedicadas a Emma nas primeiras linhas do romance e reforçadas nesse momento por aquela que fora sua preceptora. Com desenrolar da narrativa, o leitor poderá constatar que se trata de um homem sensato e justo; cuja opinião merece, portanto, credibilidade.

De acordo com Booth (1980, p. 268) “nada do que Knightley diz é irrelevante.” Em seu livro, o autor faz tal afirmativa para se referir à importância de Knightley na correção de Emma e completa: “toda e qualquer afirmação de valor, toda e qualquer acusação do erro é, em si, uma ação de enredo”. As palavras de Booth (1980) remetem ao comportamento de Emma, mas aqui são empregadas também para fazer referência aos índices sobre a afeição que une Knightley e Emma, pois, mesmo quando a critica, o leitor sabe que ele ainda a admira, pois disso foi comunicado desde o princípio da narrativa.

Contudo, não perdendo a leitura crítica no que se refere ao contexto histórico do século XIX, não é a admiração que ele nutre pela jovem suficiente para se transformar no sentimento que servirá de núcleo para a parte final do livro. Esse sentimento foi permitido por Knightley. Disso não há dúvidas. Afinal, o personagem pertence ao mesmo grupo “seleto” de Emma. Ele também seria o par ideal para ela, se considerado seu patrimônio e sua personalidade. Mas Emma ainda não está

preparada para admitir que seu destino, como de toda mulher “honesta”, era o casamento. A única possibilidade visível a Emma é a união entre Sr. Elton e Miss Smith, pois ele daria a ela um nome e um lar. Harriet, por sua vez, seria lhe uma esposa digna e admirável. Assim, a heroína decide persuadir Miss Smith a se afastar dos antigos amigos e descartar o pretendente de origem humilde. Todo esse empenho para que a união ocorra demonstra a forma como se vê a importância dos “bons” casamentos na época: uma jovem rica teria necessariamente que avaliar os casamentos pelas conveniências e com o rigor que a época e seu *status* social determinavam.

Por meio de mecanismos linguísticos, a autora evidencia e reforça a concepção que a sociedade, na ocasião, tinha do casamento. Encontram-se no texto expressões como “lar respeitável”, “casar bem”, entre outras que sustentam a ideia de que o casamento era mais do que uma formalidade, constituía-se em uma segurança para as mulheres; tanto que era tratado por elas como objetivo maior da existência feminina e determinante para as suas relações sociais. E, apesar de Emma não pensar no seu próprio casamento, parecendo não se preocupar com isso, o casamento também é, para ela, algo muito importante nas relações sociais. O fato de ela engajar-se tanto pelo casamento dos outros possibilita fazer essa afirmação.

Todavia, em relação ao que imaginava o leitor quanto à interferência de Emma na vida alheia, provavelmente, supera qualquer expectativa o modo como ela manipula os sentimentos de Harriet para que decline do pedido de casamento feito pelo Sr. Martin, sem medir as consequências que poderiam ser geradas a partir dessa recusa.

- Sempre tomei como regra geral, Harriet, que se uma mulher tem dúvidas se aceita ou não um homem, que deve certamente recusá-lo. Se hesitou em dizer “Sim”, então deve dizer francamente “Não”. O casamento não é um estado civil em que se possa entrar com segurança através de senti menos dúbios, com meio coração apenas. Creio de meu dever como amiga, e mais velha, dizer-lhe tudo isto. Mas não pense que desejo influenciá-la. (AUSTEN, 1996, p. 41).

É evidente que a intenção de Emma é influenciar a decisão da amiga e, definitivamente, usa de argumentação sensata e bastante coerente para alcançar seu intuito. É, sem dúvidas, uma mulher forte e determinada, por sua vez, Harriet é frágil e insegura; logo, a fala daquela é suficiente para levar esta a rejeitar o pedido feito. É inegável que Emma se superestima. Ela imagina conhecer bem os próprios sentimentos e melhor ainda os dos outros. O fato de ter sido afortunada em unir o senhor e a Sra. Weston faz dela extremamente confiante.

Emma é sagaz, mas não desconfia de nada que seja contrário ao que ela acredita, o que a cega é seu desejo de unir Harriet a alguém que lhe garanta um *status* social que talvez fosse comprometido quando viessem à tona suas origens. Se aos olhos de Emma, Harriet está à altura de Sr. Elton, este não pensa o mesmo e acredita que é digno de desposar Emma e nenhuma outra mulher lhe faria justiça.

Ao tratar da união de Sr. Elton, a autora vale-se de um recurso bastante útil para, mais uma vez, ilustrar as relações sociais do período, pois menciona que, para corresponder às expectativas da sociedade, tão importante quanto os bens que se possuíam, era saber falar e se comportar de maneiras adequadas, pois eram garantias de uma situação confortável e de uma convivência amigável em seu grupo, como bem prova a frase que encerra o excerto a seguir:

Emma cogitava muito pouco da futura esposa [Sra. Elton] individualmente. Não havia dúvida que era bastante adequada para o Sr. Elton; suficientemente dotada para Highbury, bonita o suficiente para não parecer comum ao lado Harriet. Quanto à posição social da moça, Emma sentia-se à vontade, persuadida de que, apesar de toda sua jactância e desdém por Harriet, o Sr. Elton não tinha conseguido grande coisa. Sobre esse aspecto, parecia possível chegar-se à verdade. O *que* ela era podia ser incerto; mas *quem* ela era podia ser descoberto[...]. (AUSTEN, 1996, pp. 137-138).

A severidade com que as pessoas são julgadas a partir de elementos como beleza, elegância, educação e, principalmente, riqueza será de grande importância para construção da verossimilhança. O comportamento de alguns personagens só pode ser compreendido a partir da análise quanto às regras sociais e à obediência a elas. A segunda parte do romance, por exemplo, tem início com a espera por Jane Fairfax, cuja figura reforça toda a formalidade com que se julgavam as relações de



uma sociedade separada em classes que deveriam ser rigorosamente respeitadas a fim de garantir a reputação e as boas amizades. Importa nesse momento destacar as características de Jane. Excetuando-lhe a pobreza, é em tudo superior a Emma.

Segundo Booth (1980, p. 264), Jane Austen tinha consciência de que não poderia “proporcionar uma visão prolongada de Jane Fairfax”, pois sabia que a exposição da mente de Jane não só aniquilaria o segredo que a ligava a Frank Churchill, como deixariam evidente sua superioridade em relação à Emma, o que não seria concebível, já que esta é a heroína e, a simpatia do leitor, deve recair sobre ela. Mesmo diante dessa limitação, a moça, além da beleza, elegância, talento, discrição e doçura, conta a seu favor com a mesma presença de espírito que possui Emma, sendo, portanto, impossível que esta manipule aquela, tornando-a, em alguns momentos, insuportável aos olhos de Emma, que por vezes condena o comportamento de Jane, julgando-a dissimulada.

Contudo, Miss Fairfax é pobre. É pelas exigências da sociedade que Frank Churchill não assume seu amor por Jane e também por causa delas que Emma tenta impedir a união de Harriet e Martin. Booth analisa

Outros valores como dinheiro, família e “consequência” são bastante reais em Emma, mas só na medida em que contribuem para, ou são dominados por bom gosto, justo juízo e boa moral. Só por si, o dinheiro pode fazer uma Mrs. Churchill, mas tanto homem como mulher “seriam parvos em casar sem ele”. (BOOTH, 1980, p. 277)

Para Frank Churchill, as diferenças sociais não norteiam suas relações, o que torna possível que se interesse por uma jovem de origem humilde e futuro limitado, o caso de Jane, mas se importa com a opinião da família materna que dele exige um comportamento apropriado à sua fortuna. Tem-se aqui mais uma prova da importância da união matrimonial como forma de garantir *status*, poder.

O casamento de Sr. Elton ilustrará outro aspecto das relações sociais, afinal, a Sra. Elton, segundo Emma, é fútil, extremamente satisfeita consigo mesma e altamente convencida de sua importância. Tal afirmativa será confirmada, uma vez que, a partir da inserção da Sra. Elton ao meio social de Highbury, quando possível, todo e qualquer diálogo girará em torno de Maple Gove, do cunhado rico e dos benefícios que advêm da prosperidade financeira. A valorização da riqueza, além de



extremada, soa vulgar, pois, no caso, a Sra. Elton vangloria-se de bens que não possui e, sim, pertencem ao marido da irmã. A inconveniência e frivolidade presentes no comportamento dessa senhora têm, entre outras, a função de criticar a sociedade e os costumes da época.

Cabe observar que, embora Sr. Elton deixasse transparecer seu interesse por Emma, esta não o percebeu, por julgar o jovem adequado à amiga e não a ela. Por outro lado, Emma superestima os sentimentos e ações de Frank e acredita inteiramente em que o jovem por ela esteja apaixonado; o que leva a crer que Frank, a seu ver, seria digno de cortejá-la. Tudo parece, portanto, um jogo de interesses. Emma tenta promover uniões julgando as pessoas de acordo com seus papéis sociais e não segundo as afeições, por isso, fatalmente, erra. Ao contrário de todas as suas elucubrações, ocorrem as uniões entre de Jane e Frank; Harriet e Martin e dela mesma e Knightley. Ironicamente, a própria narrativa se encarrega de unir seus iguais. Afinal, ainda que pobre, Jane era possuidora de todos os demais atributos necessários para desposar Frank, além de este não ser tão ligado a essas questões sociais; enquanto que a Harriet faltava o esteio familiar que lhe dessem as mesmas condições de Jane. Knightley, além de todos os tributos, contava ainda com o fato de ser cunhado de Emma; tornando, assim, indivisível o patrimônio familiar.

A obra de Jane Austen é longa, sendo publicada em três volumes – os volumes I e II, contendo dezoito capítulos cada, e o volume III contendo dezenove capítulos – os quais, mais tarde, foram unidos em um único livro composto por cinquenta e cinco capítulos. Diante disso, é impossível aqui esgotar o livro, citando a importância dos personagens para a progressão da narrativa e discorrendo sobre as estratégias de escrita para fazer de Emma uma personagem digna de ser chamada de heroína e para tornar a história verossímil diante de sua época. Nem se tem esse objetivo. O que se pretendeu aqui foi, por meio das ações de uma personagem central, refletir como se davam as relações sociais na obra e enxergar, com isso, essa história como uma fonte que permite refletir sobre a sociedade inglesa do século XIX.

Assim, pode-se ser afirmado aqui que, permeados no texto, estão aspectos sociais e culturais próprios de um determinado momento histórico, possíveis de serem percebidos a partir da análise estrutural da narrativa. Em um momento pós-

revolução industrial, em que há a massificação dos valores do trabalho e em que há uma grande parcela sendo explorada, é a elite que estabelece os valores. As atitudes de Emma, sua condição social, a forma como manipula as pessoas, a força que tem – ou pensa ter – sobre quem ela considera mais fraco etc. provam isso. E entre esses valores estabelecidos pela elite burguesa do século XIX, o casamento não é apenas uma forma de manter os “bons costumes”, mas de manter (ou obter) o poder, uma condição social elevada. O livro *Emma* consegue muito fielmente, sem anacronismos, retratar essa sociedade.

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Emma*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BARTHES, Roland. *et al. Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARTHES, Roland. O efeito do real. In: BARTHES, Roland *et al. Literatura e semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Campo de Santa Clara, Lisboa-Portugal: Arcádia: 1980.

BOURNEUF, Roland. e OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

FREYTAG, Gustav (1894). *The technique of drama*. Chicago: S.C. Griggs & Company. [Trabajo original publicado en 1863].

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.

\_\_\_\_\_. Verossímil e motivação. In: BARTHES, Roland *et al. Literatura e semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1972.

MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.